



MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis, Vozes, 1981. 248 p.

Relativizando é uma introdução à antropologia numa perspectiva pessoal de Roberto da Matta. A partir do próprio título que nomeia o livro, o autor assume a posição que o chamado corpo de conhecimento desta ciência não se constitui como uma substância ou uma essência eterna e definitiva. Ele é apenas um ângulo de visão encontrado todas as vezes que relacionamos o implícito com o explícito ou relativizamos o familiar e o exótico. Não se toma a idéia aqui de relativizando com o significado de tudo ser variável ou tudo ser válido, mas muito pelo contrário, como uma atitude positiva e valorativa que compreende "o abraço destemido que damos quando pretendemos entender honestamente o exótico, o distante e o diferente ou o "outro".

É a posição que ele propõe para a antropologia: uma disciplina do mundo social que visa aprofundar o conhecimento do homem pelo homem, sem no entanto, possuir tantas certezas ou axiomas absolutos, indiscutíveis e definitivos. Rejeitando os grandes esquemas teóricos de interpretação do século XIX como otimistas e lineares, Roberto da Matta demonstra que a antropologia social contemporânea tem nos ensinado a ser desconfiados e críticos com esses esquemas e certezas, pois muitas dessas certezas e esquemas foram frutos de um otimismo exagerado para o futuro. Tais esquemas viam os dias de amanhã sob uma atmosfera dourada e promissora das descobertas tecnológicas. No entanto, hoje sabe-

mos que o uso da eletricidade, do automóvel, da energia nuclear e de outras conquistas tecnológicas não significaram itens de melhoria necessária da espécie humana, pois a sociedade não é algo destacável de seus movimentos. E esses movimentos nada têm de lineares e automáticos, como supunham nossos mestres do passado, confiantes na mística e na ideologia do progresso. A falência dos esquemas evolutivos, restos ideológicos de hierarquias que submetiam, sem apelo, todos os povos conhecidos ao pensamento europeu como se o universo social fossem máquinas sem consciência ou espaços, onde as revoluções tecnológicas se movessem inapelavelmente e as ações e os valores pudessem ser apreciados, considerados e modificados, deu vez a idéia que é o conhecimento do homem pelo homem e da sociedade humana em suas várias formas de relacionamento interno e externo a grande esperança da humanidade. "A transformação que através do conhecimento profundo dos outros e com a modesta ajuda da antropologia social redescobrirá a tolerância, a humildade, a esperança e a generosidade de um viver em escala planetária, mantendo o delicado equilíbrio essencial entre o universal e o específico, o cósmico e o local, o sentido do planeta e a identidade comunitária. Dialética sem a qual a sociedade não pode escavar sua mensagem e sua contribuição singular à totalidade da espécie humana".

Relativizando não é apenas mais um manual convencional de introdução à antropologia social. É uma apresentação desta ciência social dentro da perspectiva do autor mostrando o que é a antropologia através de um conjunto de leituras interpretadas para aprofundar o conhecimento do homem pelo homem. São algumas "lições" da antropologia como a de que aquilo que o homem sabe sobre si mesmo é variado, moral e socialmente equivalente e, por tudo isso, infinito na sua profundidade e na sua grandeza. E mais: uma antropologia social autêntica, só pode acontecer quando estamos plenamente convencidos da nossa ignorância. O importante é inquirir sobre a diversidade humana — deste modo, a antropologia será sempre o estudo das diferenças onde a chamada humanidade se realiza e torna-se visível. É seu objeto o estudo do homem enquanto produtor e transformador da natureza, descobrindo a dimensão da cultura e da sociedade. Tomar a cultura como sendo uma espécie de resposta elaborada ao desafio natural pelo homem é um modo muito comum de colocar o objeto da antropologia, diz o autor, que propõe uma visão mais complexa. A de mostrar como a sociedade nasceu e como ela é produto de uma dialética complexa e, por isso mesmo, reflexiva, onde o desafio da natureza engendrou uma resposta, permitiu tomar consciência da consciência, da natureza e da própria resposta dada. Assim, a plasticidade humana permite descobrir sua variabilidade, já que ela apenas indica o caminho de alguma reação, mas não pode determinar com precisão esta reação. Neste sentido, o homem é realmente livre, pois sua resposta ao desafio da natureza é própria.

Fazer antropologia é estar numa ciência social que procura ver e entender honestamente o distante, o diferente, o "outro". Jamais sacrificar o presente por um futuro que não chega nunca e planejar e modificar pelo arbítrio a vida social dos outros, visto que esta ciência social descobriu pelo estudo das formas que são chamadas de 'primitivas', 'selvagens' ou 'simples' que os valores de honra, verdade, justiça e dignidade são o centro mesmo da sociabilidade humana, presentes onde quer que vivam humanidades. Como o livro é também a obra de um antropólogo que apresenta a prática desta ciência de maneira meio biográfica, ele encerra a primeira parte: *a antropologia no quadro das ciências sociais* com uma digressão sobre a fábula das três raças no Brasil ou o racismo à brasileira. Aí ele expõe uma discussão interessante sobre o racismo no país. É que o credo racial brasileiro com o mito das três raças é uma espécie de ideologia para contrabalançar nossa rigidez hierárquica, mais uma série de impulsos contraditórios e de desigualdades de nossa sociedade. É ele que permite integrar as 'raças' num esquema altamente coerente e abrangente, constituindo e formando de suas hierarquias e diferenças uma totalidade integrada sem jamais colocar em risco a posição de superioridade política e social dos "brancos". E se nos Estados Unidos não há escalas entre elementos étnicos, pois se é negro, índio ou branco e o racismo é um valor nacional, no Brasil as raças estão frente a frente de modo complementar, como os pontos de um triângulo, existindo a fábula das três raças que permite ao homem comum, ao sábio e ao ideólogo conceber uma sociedade altamente dividida e hierarquizada como uma totalidade integrada por laços humanos dados com o sexo e os atributos 'raciais' complementares. Finalmente, é essa fábula que possibilita visualizar nossa sociedade como algo singular. Aí o país, se no plano social e político é rasgado por hierarquizações, o mito das três raças une a sociedade num plano biológico e natural, domínio unitário, prolongado nos ritos de umbanda, na cordialidade, no carnaval, na comida, na beleza da mulher, da mulata, etc.

Na segunda parte está a questão da antropologia e história. O importante não é a história da antropologia ou quando começou esta ciência social ou se foram os gregos que a iniciaram. O importante foi o aparecimento da *atitude antropológica*. Esta não surgiu com Heródoto ou com os gregos, pois ela seria impossível numa civilização que dividia o universo humano entre nós, os gregos, os homens e os "outros", que como se sabe eram os bárbaros, os escravos e as mulheres. Sendo assim não se pode situar o nascimento da antropologia na Grécia ou marcar o seu início onde quer que exista um relato de viagem para fora do mundo europeu. Diz Roberto da Matta: "isto seria violentar a própria angulação da disciplina". Não foram os relatos de viagem, os mitos ou as estórias que marcaram efetivamente o ponto de início ou o nascimento desta ciência social. É, *sim uma posição de simpatia aberta e destemida pelo "outro"*. São as descrições que buscam tomar o ponto de vista do outro e uma orientação para um

domínio próprio que definem seu nascedouro. Exclua-se a preocupação única de relacionarmos à sua dimensão temporal. A questão está na posição aberta pela antropologia não mais como uma variante da História. E aí é que se nota um ponto importante na antropologia, pois foram de certa forma as obras de James Frazer e de Bronislaw Malinowski — dois estilos pessoais bem diferentes — que afirmaram esta ciência. Um representando os valores cheios de certezas e de superioridades e o outro, o específico de cada sociedade, de cada situação social. Frazer, expressando os valores do colonialismo vitoriano, cheio de certezas, de generalidades e de superioridade e Malinowski procurando o conhecimento social detalhado, individualizado e monográfico. Frazer representante das generalidades e Malinowski do detalhe.

Entre os pecados do evolucionismo está o fato de homens como Frazer terem passado toda a vida fazendo classificações e comparando costumes com costumes nas diversas sociedades, sem tê-los inseridos previamente no seu próprio contexto, e somente depois deste procedimento passar a classificá-los e compará-los. O funcionalismo, um dos paradigmas teóricos das ciências sociais, hoje bastante criticado, teve, com certeza, grande contribuição para desenvolvimento da antropologia. Representou uma verdadeira revolução nas concepções anteriores do evolucionismo que viam tudo em termos de sobrevivências históricas. Através dele soube-se que todas as coisas nas sociedades desempenham um papel e têm um sentido. Nada pode ocorrer ao acaso como sobra ou sobrevivência. E é do funcionalismo em diante que se criou um novo centro de referência — sempre a própria sociedade estudada pelo investigador. Não interessa mais a Europa e seus costumes como ponto acabado de todas as racionalidades. O plano comparativo deste paradigma não é mais a sociedade do observador. Agora, observador e "nativo" se aproximaram e a comparação deixou de ser uma mera vitrine de museu. Não mais prismas dogmáticos de teorias que nunca permitem sua relativização. É fundamental o conhecimento do papel do funcionalismo no desenvolvimento da ciência antropológica.

Outro assunto tratado no livro é o trabalho de campo. É este trabalho uma espécie de laboratório do antropólogo. Se nas ciências naturais o cientista conta com o seu instrumental concreto para repetir experiências e pesquisas fechadas, o antropólogo faz sua experimentação num sentido mais amplo, com uma vivência longa e profunda com outros modos de vida e outros valores através da observação participante. É esta perspectiva que a vivência do campo proporciona e fez que a antropologia mudasse de atitude, deixando de colecionar e classificar curiosidades para fazer o homem — estudioso — tomar contacto direto com seus pesquisados, descobrir o outro, e entrar num processo relativizador de todo o conjunto de crenças e valores que lhes é familiar. Aí a antropologia deixou de ser uma mera lista e compilação de costumes e fatos exóticos para buscar o conhecimento daquilo que é essencial na vida dos "outros". E como disse

Malinowski antes ela "fazia com que nós antropólogos parecêssemos idiotas e os selvagens ridículos", Roberto da Matta 1981:144 . E entre as disciplinas sociais a antropologia é a que tem mais posto em dúvida os seus conceitos básicos. Por isto ela sempre vem se renovando e abrigando novas vias de conhecimento do homem como a substituição do questionamento historizante pela noção de sistema, assim como de sincronia, de estrutura e do inconsciente.

Roberto da Matta situa a antropologia no quadro das ciências sociais, apresenta um pouco de sua história, fala de seu método básico que é o trabalho de campo e por fim faz uma exposição da prática do ofício de antropólogo. Aí ele busca um caminho fundamentalmente diferente dos tradicionais "manuais" desta disciplina. Pois se nesses manuais o conhecimento é apresentado um plano impessoal e formal, seu caminho é o da experiência concreta, pessoal ou da vida de antropólogo na sociedade brasileira. Interessado no destino dos grupos tribais no país, Roberto da Matta conta as suas pesquisas entre os índios "Gaviões" e os "Apinayés" no Brasil Central quando encerra o livro com o epílogo: História de duas pesquisas. O autor é professor de Antropologia Social do Museu Nacional e escreveu, entre outros livros, *Carnavais, Malandros e Heróis ; Universo do Carnaval* e em colaboração com outros autores *Universo do Futebol* .

João Hélio Mendonça  
Fundação Joaquim Nabuco